

**Valverde, M. (org.). Merleau-Ponty em Salvador. Salvador: Arcadia, 2008**

## **O pensamento de Merleau-Ponty como instituição**

Alex de Campos Moura (Pós-doutorando Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.)

alexdcmoura@yahoo.com.br

A reflexão de Merleau-Ponty é uma obra aberta. Ao descrevê-la desse modo, não pensamos apenas em seu caráter inacabado, trabalho em pleno processo interrompido pela morte inesperada do autor. Pensamos, antes de mais nada, naquilo que o próprio filósofo compreende por obra, isto é, a fundação de uma instituição cujo sentido se desdobra em uma nova temporalidade, inauguração de um campo cujos horizontes ao mesmo tempo conservam e ultrapassam seu espaço fundador. Como nos ensina *O Olho e o Espírito*, a verdadeira obra é fissão no Ser, geração de uma dimensão ou de uma estrutura cuja essência carnal irradia, fazendo ser, polarizando de modo próprio o lugar em que se efetiva. Dito em poucas palavras, a força de uma obra não está apenas em seu presente, e sim na amplitude da tradição que ela é capaz de instaurar, no legado que ela prescreve ao porvir.

É justamente dessa força intrínseca à obra que tratam os ensaios reunidos em *Merleau-Ponty em Salvador*: "(...) todos os participantes foram convocados a deixar de lado seus temas atuais de pesquisa, para aproveitar a oportunidade de fazer, com conhecimento de causa, um balanço crítico das contribuições do autor, levando em conta, igualmente, a história de sua repercussão nos mais diversos campos de atuação, como o intelectual, o pedagógico, o político e o artístico" (p. 8). Em comum entre os textos, podemos encontrar um eixo constante orientando as diversas análises que se debruçam sobre a filosofia do

autor. Dividido em três partes – Merleau-Ponty e a filosofia de seu tempo, Merleau-Ponty e as ciências do homem, Merleau-Ponty e a arte – o livro assume a tarefa de explicitar o diálogo, a interação e as trocas, que Merleau-Ponty estabelece com os diversos domínios do conhecimento, especialmente com os debates da filosofia, com as reflexões da ciência, com o pensamento sociológico, com as questões históricas, com a arte e o fazer artístico. Ele oferece, assim, um testemunho preciso e valioso da riqueza do pensamento do filósofo, capaz de transitar por várias esferas, absorvê-las e ser absorvido, sem se desconfigurar.

Já de início, somos introduzidos ao forte diálogo de Merleau-Ponty com os filósofos que lhe são mais próximos. O primeiro texto, de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, nos coloca diante de uma questão central para a compreensão do pensamento merleau-pontyano: o modo como ele absorve, transformando, a herança da fenomenologia husserliana. Trata-se de entender a originalidade de seu projeto ao realizar duas torções fundamentais na matriz fenomenológica: a passagem da intencionalidade para o domínio da existência e, com ela, a configuração de uma “fenomenologia do ser”, projeto totalmente diverso daquele estabelecido por Husserl, para quem a fenomenologia permanecia uma “fenomenologia da razão”, teoria do conhecimento e não ontologia.

Em seguida, somos levados ao diálogo denso, e nem sempre explícito, de Merleau-Ponty com Bergson. Partindo da aparente divergência entre os dois autores, Débora Morato se aprofunda em suas descrições da temporalidade e da *durée*, mostrando como, de certo modo, a “multiplicidade qualitativa” de Bergson não se distancia tanto de unidade por diferenciação defendida por Merleau-Ponty, aproximando-os na compreensão de uma temporalidade que articula internamente o uno e o múltiplo.

De Bergson, passa-se a Heidegger, mantendo-se o foco na questão do tempo, agora no artigo de Acylene Ferreira, encarregado de mostrar como os dois filósofos simultaneamente se aproximam, por uma preocupação comum sobre o sentido do ser e do mundo que busca na temporalidade seu solo principal, e se distanciam, justamente pelas diferenças no modo pelo qual cada um compreende essa temporalidade.

Em seguida, chegamos a Sartre, para acompanhar como Leandro Cardim analisa o conceito de liberdade defendido por Merleau-Ponty, com o intuito de mostrar que a despeito dos diferentes projetos dos dois filósofos, a descrição merleau-pontyana do tema se desdobra em um horizonte ainda sartriano, operando no interior de um registro terminológico e conceitual partilhado por ambos.

A segunda parte do livro, dedicada ao diálogo do autor com as ciências do homem, se inicia então com o artigo de Pascal Dupond, ocupado em mostrar o modo pelo qual a razão se vincula à percepção ao longo da obra do filósofo: Em um primeiro momento, ainda atada

segundo ele aos paradigmas de uma filosofia da consciência, tacitamente mantida pela *Fenomenologia da Percepção*; e depois, em uma inflexão, que gradualmente afasta a razão e a percepção da perspectiva intelectualista, permitindo ao filósofo alcançar de modo mais preciso o ser da cultura.

Miriam Rabelo, em seguida, trabalha algumas questões colocadas pelo pensamento de Merleau-Ponty para as ciências sociais, concentrando-se em três delas: a compreensão da experiência humana em seu vínculo intrínseco com a corporeidade; a recusa do pensamento causal; e a busca de uma alternativa que escape ao dualismo do pensamento clássico, da cisão entre o material e o psíquico.

Do diálogo com a sociologia, passamos então à psicanálise. Marcus Müller-Granzotto propõe em seu artigo acompanhar o modo pelo qual o discurso psicanalítico se inscreve no filosofar de Merleau-Ponty, discutindo a proximidade da noção de invisibilidade proposta pelo filósofo, em seu caráter carnal, transitório e negativo, com uma certa figura da “pulsão” descrita por Freud.

Creusa Capalbo, por sua vez, trata do que ela própria denomina “ética de situação”, estrutura em que o valor moral de um determinado contexto aparece indissociável da experiência concreta em que ele se efetiva, desdobrando a partir daí a configuração de uma historicidade instituinte defendida pelo filósofo, originária da condição humana e intrínseca à carne.

Passamos então à terceira parte do livro, em que somos introduzidos ao diálogo de Merleau-Ponty com as artes. O primeiro artigo, de Monclar Valverde, parte da discussão a respeito da relação entre o artístico e o estético, para descrever o lugar da sensibilidade no interior da reflexão do autor, chegando então à uma fenomenologia da expressão e à delimitação de uma espécie de hermenêutica merleau-pontyana, focada na sensibilidade.

O artigo seguinte mostra a importância de Merleau-Ponty para a compreensão do fenômeno musical, especialmente por recusar a compreensão clássica do sujeito autônomo, que reduziria a corpo a mero instrumento da vontade, e a expressão a mero produto da consciência. Ao contrário, mostra Alberto Heller, Merleau-Ponty, aproximando-se de Heidegger, realça a dimensão “espontânea” do fazer artístico, vinculada ao elo intrínseco entre temporalidade, movimento e expressão.

É também dessa dimensão espontânea que trata o texto de Stéphanie Ménasé, explorando a compreensão dessa passividade inerente à criação, a partir de sua própria experiência como pintora, do relato de artistas contemporâneos e das reflexões de Merleau-Ponty sobre o tema, procurando explicitar a indissociabilidade entre a ação do artista e o lado passivo de todo movimento expressivo.

Desdobrando também o campo da pintura, Iraquitán de Oliveira busca examiná-la enquanto espaço privilegiado de gênese do visível, instauração de uma visibilidade apta a expor o fenômeno do aparecer e do vir a ser, não mais restrito à condição de objeto ou de representação, mas ligado agora à própria configuração do mundo.

Desse modo, de maneira bastante breve, temos uma amostra da amplitude das questões discutidas ao longo de *Merleau-Ponty em Salvador*. Como dissemos no início, o livro antes de tudo testemunha o alcance da filosofia de Merleau-Ponty, sua capacidade de manter um diálogo com os diversos campos do pensamento e da experiência humana, transitando em um movimento de incorporação, no qual ao mesmo tempo se nutre e irradia sua estrutura ativa. Mais que tudo, o livro mostra que a obra de Merleau-Ponty permanece viva, aberta e, como ele mesmo afirmava sobre toda grande obra, capaz de iluminar o mundo com uma luz que extrai dele próprio.